

Editorial

O presente número trata de despedidas. É que, ao mesmo tempo em que edito o último número na função de editora, a revista pretende tratar, mais especialmente, da perda de um grande psicanalista – André Green.

Nos últimos tempos a psicanálise tem se despedido de alguns dos seus grandes titãs. Além de nosso homenageado, perdemos Jean Laplanche, Joyce McDougall, e mais recentemente, J. B. Pontalis, e com eles uma tradição de psicanalistas que tomaram para si a tarefa de não abandonar o legado primeiro deixado por Freud, apesar das transformações e desafios impostos pelo mundo atual.

Nossa Sociedade no final da década de 1970 foi brindada com a visita de André Green, a foto da capa é um registro desse prestigiado momento. Na ocasião ele proferiu uma Conferência na Universidade de Brasília, publicada no ano de 1977 no então *Jornal de Estudos Psicodinâmicos – Alter*, bem como conduziu diversas supervisões à então primeira turma em formação do que viria a se tornar a Sociedade de Psicanálise de Brasília. À época, Green começava a dedicar-se à questão que viria a constituir-se tema privilegiado da psicanálise contemporânea – os estados limites. Dada a importância e atualidade do tema, a referida conferência é aqui republicada inaugurando este número da revista.

André Green articulou toda a sua obra de forma a, reconhecendo o valor da metapsicologia freudiana, integrar o que de novo surgiu na psicanálise após Freud, como Winnicott, Bion e Lacan. Dessa maneira, criando pontes e rompendo com a tradição das escolas, inaugurando o que Figueiredo¹ propõe como período pós-escolas, permitindo à psicanálise libertar-se da rigidez e do dogmatismo.

Sua obra se destaca sobretudo por um modelo de investigação que privilegia a articulação entre a metapsicologia e a clínica. Legando conceitos inovadores que viriam a se inserir no repertório psicanalítico, tais como, mãe morta, narcisismo de vida e de morte, trabalho do negativo, duplo limite, loucura pessoal, situação enquadrante, reconheceu a importância do rigor no campo teórico, oferecendo-nos novas ferramentas clínicas para os problemas atuais, de maneira a garantir que a herança deixada por Freud seja reinventada a cada encontro analítico.

Neste número, contamos com artigos de vários autores que têm se dedicado a dialogar com Green ao longo de seu percurso. Dessa forma, procuram manter viva a ideia de uma leitura renovada da teoria e da perspectiva clínica, implícitas na obra do autor.

Cláudia Garcia discorre sobre a concepção do trauma em André Green, abordando a centralidade da relação com o objeto primário no desencadear de situações traumáticas. A autora destaca os conceitos de objeto trauma, complexo da mãe

1 Figueiredo, L. C. (2009). *As diversas faces do cuidar*. São Paulo: Escuta.

morta e trabalho do negativo na questão dos entraves ao trabalho do luto, que caracteriza a clínica do trauma.

Daniel Delouya destaca a contribuição de André Green para a clínica das configurações e situações no limite do analisável dentro da tradição psicanalítica de Freud a Klein, Winnicott, Bion e Lacan. Para tanto, lança mão de conceitos consagrados pelo autor, como o duplo limite, a loucura pessoal, a estrutura enquadrante, o negativo etc., apresentando um material clínico para ilustrar tais desdobramentos teóricos.

Em “Do negativo em Freud e Green: contribuições ao estudo dos casos-limite” Terezinha de Camargo Viana e Márcia Portela destacam as contribuições teóricas de Freud e Green sobre a concepção de negativo na psicanálise para a compreensão do funcionamento psíquico dos casos-limite descritos na atualidade. As autoras partem da noção do “não” simbólico para Freud e de sua importância para a constituição do pensamento, alcançando a noção de “trabalho do negativo” em Green.

Na esteira das reflexões do impacto da atualidade nas novas patologias atuais, encontra-se o artigo de Zeferino Rocha, intitulado “Violência contemporânea, novas formas de subjetivação e sofrimento psíquico – desafios clínicos”, uma instigante investigação sobre os modos como a violência contemporânea vem condicionando novas formas de subjetivação, que se desdobram em novas formas de adoecimento psíquico, representando grandes desafios para a clínica psicanalítica da atualidade.

A questão da interpretação e seu lugar na psicanálise hoje é o tema do trabalho de Roberto Grana “O declínio da interpretação e a contemporaneidade da psicanálise”. Nele o autor procede a uma crítica da interpretação tradutiva, que entende de natureza doutrinária e alienante, para defender o minimalismo da intervenção analítica como característica da contemporaneidade da análise.

Maria Cecília Pereira da Silva, em seu trabalho “Embalando o sono – contendo as transferências das relações iniciais pais-bebês”, parte de três situações clínicas para destacar a função da continência e a função de *rêverie* do analista na criação de novas redes de sentido na relação pais-bebês, e maneira a favorecer o desenvolvimento dos vínculos iniciais e o exercício da parentalidade.

Pericles Pinheiro Machado Jr., em seu artigo “Expressões do reconhecimento e da sujeição na experiência intersubjetiva” destaca um aspecto dos relacionamentos sociais que tem sido objeto de reflexão de diversos pesquisadores do campo psicanalítico: o reconhecimento do Outro como semelhante e diferente, portador de uma alteridade que ao mesmo tempo revela a estreita proximidade e a larga distância existente entre duas pessoas, estabelecendo para tanto, um contraponto com o pensamento de Foucault sobre relações de poder e sujeição, e a teoria de Winnicott sobre *holding* e dependência. Nele o reconhecimento da alteridade é discutido como uma modalidade de experiência intersubjetiva mediada pelo respeito às diferenças e aos limites do espaço psíquico em que se afirma a singularidade radical do Outro.

Trazemos, ainda, a tradução do artigo “As grandes controvérsias e o *après-coup*”, de Rosine Jozef Perelberg. Nele a autora, ao melhor estilo de Green, resgata da psicanálise francesa o conceito de *après-coup*, propondo uma distinção entre o que é conhecido de forma descritiva como *après-coup* e o que pode ser identificado como *après-coup* no plano dinâmico. A autora salienta o uso do conceito na literatura francesa, propondo a ideia de que o *après-coup* dinâmico encontra-se no cerne da metapsicologia freudiana.

Encerro minha participação como editora agradecendo à Sociedade de Psicanálise de Brasília pela confiança em mim depositada, aos autores e leitores que prestigiaram a *Revista Alter* ao longo desses dois anos. Também gostaria de expressar minha satisfação de ter contado com um conselho editorial dedicado e rigoroso, que pode se constituir como um verdadeiro grupo de trabalho baseado na troca de ideias e experiências. Agradeço, ainda, ao corpo de consultores que pode ser colaborador e ao mesmo tempo competente. Meu especial agradecimento à nossa coeditora, Maria Luiza Gastal, que ao meu lado, ajudou a percorrer esse novo desafio, de maneira a que não perdêssemos de vista a dimensão do trabalho e do divertimento que toda experiência criativa impõe.

Desejo sucesso à nova editoria e uma boa leitura a todos.

Maria Nilza Mendes Campos
Editora